

“No céu das pipas”: corpo e cotidiano na perspectiva infantil

Mayrhon José Abrantes Farias¹ 

Resumo

O enfoque deste estudo se ancora nas compreensões que as crianças atribuem ao cotidiano, partindo da alegoria da brincadeira de pipa. Para tanto, foi realizado um trabalho de campo, de inspiração etnográfica, em uma instituição escolar situada em Sobradinho II, no Distrito Federal. Ademais, foram analisados desenhos produzidos pelas próprias crianças, além de relatos orais acerca de suas produções. Os aportes teórico-metodológicos utilizados foram os estudos sociais da infância e a sociologia do cotidiano. Os registros que tratam da brincadeira de pipa que foram enfocados permitiram a observação das maneiras pelas quais as crianças fabricam e reinventam suas impressões acerca da relação entre corpo, infância e cotidiano, dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Infância; Brincadeira; Escola.

Abstract

“In the sky of kites”: body and everyday life from a child’s perspective

The focus of this study is anchored in the understanding that children attribute to everyday life, based on the allegory of playing with kites. To this end, fieldwork, of ethnographic inspiration, was carried out in a school institution located in Sobradinho II, in the Federal District. Furthermore, drawings produced by the children themselves were analyzed, as well as oral reports about their productions. The theoretical-methodological contributions used were those of childhood social studies and everyday sociology. The records dealing with kite playing that were focused on allowed the observation of the ways in which children manufacture and reinvent their impressions about the relationship between body, childhood and everyday life, inside and outside of school.

Keywords: Childhood; Joke; School.

Resumen

“En el cielo de cometas”: cuerpo y vida cotidiana desde la perspectiva infantil

El enfoque de este estudio está anclado en la comprensión que los niños atribuyen a la vida cotidiana, a partir de la alegoría del juego con cometas. Para ello, se realizó un trabajo de campo, de inspiración etnográfica, en una institución escolar ubicada en Sobradinho II, en el Distrito Federal. Además, se analizaron dibujos realizados por los propios niños, así como relatos orales sobre sus producciones. Los aportes teórico-metodológicos utilizados fueron los de los estudios sociales de la infancia y la sociología cotidiana. Los registros centrados en el juego de cometas permitieron observar las formas en que los niños fabrican y reinventan sus impresiones sobre la relación entre el cuerpo, la infancia y la vida cotidiana, dentro y fuera de la escuela.

Palabras clave: Infancia; Broma; Escuela.

¹ Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil.

“Subindo a pipa”²: delineamentos introdutórios

No presente artigo, busco compreender os enigmas que circundam os significados do cotidiano para as crianças, partindo da alegoria da brincadeira de pipa. Conforme Pais (2003, p. 57), “Decifrar enigmas implica, pois, estudar a natureza das mensagens por eles encobertas e o sentido dessas mensagens”. Portanto, o processo de decifração dos enigmas das crianças não requer apenas a mera caracterização das circunstâncias com as quais elas experimentam seus espaços sociais. É preciso recorrer às suas produções culturais, problematizando as tensões que experimentam na infância.

Ressalto com isso que, além de ser um lugar de aprendizagens de práticas e saberes, o cotidiano é um campo de confrontações, conforme entende Brougère (2012), cujas culturas infantis, em boa parte, são produzidas em espaços-tempos institucionais dos adultos. Nessa linha de discussão, Corsaro (2011) alerta que as crianças não devem ser estudadas tão somente nos rastros das culturas dos adultos, mas, deve-se considerar as especificidades do que ele chamou de cultura de pares, isto é, “[...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com os demais [...]” (p. 32).

Outrossim, Sirota (2001) acrescenta que as crianças interpretam e reproduzem o mundo adulto por meio de uma dinâmica de representações. Dessa forma, a partir da interação com outras crianças, ocorre a (re)significação do próprio cotidiano. É importante sublinhar que, nesse processo, o corpo se faz presente, uma vez que ele “[...] está na base de toda a experiência social, enquanto mediador das relações, das práticas, dos discursos, das apropriações do outro e do mundo” (Ferreira, 2009, p. 06).

Ora, o significado de corpo no universo infantil, nesse contexto, desvela-se como mecanismo fundamental de linguagem, experimentação do mundo e produção de cultura. Pelo movimento, as crianças evidenciam formas diversas de diálogo corporal, à revelia da permissividade adulta, construindo mecanismos de resistência, transgressão e criação. Sendo assim, o corpo produz formas genuínas de representação das culturas infantis, uma vez que também são forjadas a partir da interação entre pares (Arenhart & Silva, 2014; Farias & Wiggers, 2015).

² Os títulos de cada um dos tópicos do texto são inspirados nas falas das crianças que compuseram a pesquisa, acerca dos momentos que constituem a brincadeira de pipa, sob a perspectiva delas.

Por meio do movimento, as crianças constroem múltiplos sentidos e significados manipulados pelo corpo, com o corpo e no corpo. É um ensejo social no qual o gesto se torna um objeto refracionário do cotidiano, um veículo de interação com o outro, que sedia um entrelaçar de culturas. Nessa seara, Silva (2001, p. 121) destaca a necessidade de problematizar a dimensão corporal na construção de identidades e nas interações. Para a autora, esta é “[...] uma dimensão privilegiada de interação e situa-se, por sua especificidade, na interconexão da cultura e da natureza, o que lhe confere um caráter único, especialmente no que diz respeito à construção de uma nova cultura”.

Dessa forma, entender o cotidiano infantil, antes de tudo, perpassa pela problematização das microrrelações, observando o comportamento dos indivíduos em interação e em diálogo com um plano macro, que constitui a assimilação de grandes variáveis sociológicas como, por exemplo, desigualdade e violência, e de certo modo, dão contorno ao processo de socialização em diversos espaços de relacionamento.

Seja na família, na comunidade e/ou na escola, as crianças acessam valores, normas e condutas que vão delineando os seus “corpos-cotidianos”³, sendo que estes são modelados a partir do contato com o outro. De acordo com Fingerson (2009, p. 220), “[...] o corpo está diretamente envolvido na ação social, tanto quanto exerce ação social, é como uma fonte nas interações sociais do ator”. Desse modo, entender o lugar do corpo, bem como da educação do corpo que atua nas crianças, percorre a compreensão das crianças como atores sociais, reconhecendo suas capacidades de ação.

Para analisar melhor os encontros sociais no universo infantil, muitas vezes encobertos por acontecimentos aparentemente banais, faz-se mister a imersão nos cotidianos das crianças. Para tanto, é necessária a aproximação paulatina de seus mundos e, assim, interpretar seus códigos num jogo de tentativa e erro, ajustando o olhar

³ Utilizei a expressão com base nas compreensões de “corpo fabricado” cunhado por Le Breton (2003) e de cotidiano, a partir de Pais (2009). Pais sugere que a vida cotidiana é um campo de assimilação das relações sociais, inseridas num processo de ritualização (Goffman, 1980). Nesse contexto, a meu ver, o corpo moderno, simbólico e mecânico, problematizado por Le Breton (2003) ilustra e narra por meio dele uma indissociabilidade entre o sujeito e o seu cotidiano, incluindo suas tensões, rupturas e idiossincrasias.

adulto às suas formas particulares de interação. Em vista disso, o texto em questão tem como principal alicerce das reflexões propostas, minha tese de doutorado⁴.

Na pesquisa, em suma, busquei compreender os sentidos e significados empreendidos pelas crianças às práticas corporais vivenciadas dentro e fora das escolas, em seus respectivos contextos sociais, com especial atenção às brincadeiras de lutinha e as brigas. A partir disso, o estudo também perspectivou compreender de que forma os cotidianos se inseriram nas narrativas e produções culturais dos sujeitos, proporcionando leituras diversas sobre corpo e infância.

Para tanto, recorri ao trabalho de campo, de inspiração etnográfica⁵, ao longo de sete meses, com 34 crianças, sendo 19 meninas e 15 meninos, com idades entre nove e 12 anos, organizadas em duas turmas do 4º ano em um Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), situado em Sobradinho II, Região Administrativa do Distrito Federal⁶. No campo, também recorri à análise de desenhos produzidos pelas crianças, bem como a considerações orais do que produziram, no formato de conversas, que permitiram uma melhor interação com elas desde o início dos processos de inserção na escola, além de possibilitarem uma compreensão mais sensível dos seus posicionamentos sociais, uma vez que pude observar suas condições de produção (Gobbi, 2009; 2023; Evangelista & Marin, 2022). Ademais, a pesquisa apresentou uma pluralidade de manifestações das culturas lúdicas infantis, que me aproximaram de aportes teórico-metodológicos de estudos sociais da infância

⁴ Pesquisa intitulada “Tio, eu gosto é de treta...: o cotidiano infantil nas mediações entre o brincar e o brigar na escola”, realizada entre os anos de 2015 e 2019 pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física – FEF/UnB.

⁵ Para o estudo foram utilizadas técnicas e abordagens da pesquisa etnográfica, adaptadas aos objetivos propostos, mas sem a intenção de compor uma etnografia completa, com toda sua amplitude e complexidade.

⁶ O Núcleo Habitacional Sobradinho II foi criado no início da década de 1990, como parte da Região Administrativa V de Sobradinho, no Distrito Federal. O objetivo principal de sua criação foi receber famílias que residiam em assentamentos situados nas proximidades. Em janeiro de 2004, a partir da Lei nº 3.314, Sobradinho II foi desmembrado de Sobradinho e transformado na Região Administrativa XXVI (Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], 2015). Nas oportunidades em que comentaram a respeito de Sobradinho II, as crianças retrataram cenários alegres, porém marcados por problemas de saneamento básico, falta de pavimentação das ruas, além de assaltos, assassinatos e tráfico de drogas. Ademais, durante a pesquisa houve uma comunidade envolta em uma atmosfera agradável e bucólica, típica de uma cidade do interior, com forte presença de moradores nas praças, feiras e ruas, mas, ao mesmo tempo, marcada pelo processo de urbanização, representado na movimentação do comércio local e alto fluxo de carros nas ruas.

(Sarmento, 2004; Delgado & Müller, 2005; Corsaro, 2011) e do campo da sociologia do cotidiano (Pais, 2009; 2003).

Uma vez apresentadas algumas características gerais, neste estudo, pretendo me debruçar em recortes dos registros de campo que tratam da brincadeira de pipa, como forma de promover reflexões acerca da relação entre as categorias infância, corpo e cotidiano. O texto está estruturado de forma que, em um primeiro momento, me dedico a apresentar impressões construídas em visitas preliminares nos arredores da escola, em que pude perceber, por meio da interação entre crianças, a presença da pipa nas culturas infantis locais. Em um segundo momento, procuro recorrer às narrativas que acompanham a produções de desenhos das crianças que participaram da pesquisa, acerca da relação estabelecida entre a experiência lúdica forjada na brincadeira da pipa com seus respectivos cotidianos. Por fim, destaco algumas problematizações que balizam os registros e possíveis contribuições na compreensão do conceito de “corpo-cotidiano” na experiência infantil.

“Dando linha à pipa”: (re)conhecendo o campo

Quanta lembrança do meu tempo de criança
Quando vejo papagaios, papagaios de papel
Dando guinada na manhã ensolarada
Alegrando a garotada
E colorindo o céu

Arriba Ribinha que eu puxo a linha
O vento sopra e o papagaio empina
Vou lancear, reparar Ribinha, que eu vou lancear
Eu entro por cima, meu cerol é bom
É de vidro fino, matou, cortou
E foi assim mais um papagaio que esticou

Só resta agora na amplidão dessa lembrança
Um colorido papagaio, papagaio de ilusão
Dando guinada na manhã ensolarada
Alegrando essa criança, que é o meu coração
[...]

(Papagaio de papel – Mestre Antonio Vieira e Pedro Giusti)

Adentrando Sobradinho II em uma manhã ensolarada de sábado, passeando de carro por umas das avenidas que dá acesso ao CAIC da cidade, avistei, em frente ao prédio da administração regional, em um terreno baldio ao lado da escola, três

meninos brincando de pipa. Eles estavam aproximadamente a uns vinte metros de distância um dos outros, com olhos fixos nas suas pipas que voavam em direções distintas e em diferentes alturas. Não conversavam, apenas sorriam e gritavam expressões que, na minha rápida passagem, não pude compreender. Pareciam buscar disputas com pipas mais distantes, provavelmente de outros garotos da comunidade, com o objetivo de capturá-las.

Onde eu nasci e fui criado, em São Luís do Maranhão, chamávamos pipa de papagaio, assim como é retratado na poesia convertida em canção pelos compositores, também maranhenses, Mestre Antônio Vieira e Pedro Giusti. Não sei ao certo o motivo pelo qual chamam de papagaio o objeto voador feito de papel e talas de bambu, mas imagino que assim seja pelo fato de o nome fazer alusão a um pássaro colorido, que muito remete ao universo infantil, pela atmosfera pitoresca que o rodeia.

Fiquei maravilhado com os sorrisos das crianças. Como bailavam junto às suas pipas e pareciam se transmutar ao objeto da brincadeira, voando no céu de Sobradinho. Curioso que eu não brincava de papagaio em São Luís, preferia jogar peteca ou futebol, mas admirava o arrojo dos colegas da rua que desafiavam garotos do bairro inteiro. Cortavam as linhas com habilidade e uma boa goma de cerol, e, logo em seguida, corriam destemidos pelas avenidas da comunidade, na busca dos papagaios de seus “adversários”, empunhando-os como objeto de honra, quase um troféu.

As gomas de cerol eram feitas, na grande maioria das vezes, à tarde. Com uma técnica muito peculiar, os garotos se juntavam na calçada, moíam o vidro quebrado (normalmente de uma lâmpada que já não funcionava) em uma lata ou panela velha e misturavam com porções generosas de cola de sapateiro. Um detalhe importante é que a goma em geral era feita por algum garoto mais velho e experiente, que já dominava a técnica do bom cerol, pois quanto mais moído o vidro mais cortante era a linha. O odor forte e característico da goma não me escapa à memória, pois sempre observava a aplicação dela nas linhas, que atravessavam a porta da minha casa, presas a um pé de jambo que fazia uma grande sombra nas tardes quentes de verão em São Luís. Ao final de tudo, as linhas eram enroladas em alguma lata vazia de leite em pó, sendo conduzidas para as rodas de “lanceada”.

Vi muitas manifestações de alegria dos colegas da rua por cortarem os papagaios dos garotos das outras ruas, assim como avistei muitas brigas com esses mesmos garotos em decorrência das capturas. Tive a oportunidade também de compartilhar

situações em que as mães desses colegas chamavam a atenção destes em público, aos gritos, por se exporem ao risco, passando as linhas dos papagaios em fios da rede elétrica e correndo em meio aos carros que passavam na rua, para capturar os papagaios cortados. Sem dúvida nenhuma, brincar de papagaio era arriscado. Meus pais recorrentemente comentavam sobre os acidentes que eles presenciavam, resultantes do uso das linhas com cerol. Esse prazer intercalado com o risco, a meu ver, nutria mais ainda o interesse da garotada pela brincadeira.

As formas de confecção das pipas e/ou papagaios variam, assim como os materiais, as expressões que designam cada movimento feito com os objetos voadores, bem como os roteiros criados em torno das disputas entre pipas. Ao avistar os garotos empinando pipa em Sobradinho II, não apenas revisitei minhas memórias infantis. Entendi que a brincadeira em questão representava bem a interação das crianças do bairro e se mostrava importante no acervo de práticas corporais que compõem o cotidiano das crianças da comunidade.

Ali na brincadeira, os eixos de interação entre crianças não eram tão somente as linhas da pipa, mas os roteiros construídos por meio delas e a atmosfera lúdica que permeava os embates nos céus. Assim, usando a brincadeira de pipa como alegoria para se pensar o cotidiano, pude inferir que as linhas cruzadas nos céus são as interações sociais e aqueles que portam as pipas, manobrando-as, são os “nós” da linha, nesse caso, as crianças.

Os ventos representam as culturas. Quase imperceptíveis, mas fundamentais, dão sustentação ao objeto voador e o torna dinâmico, ao mesmo tempo em que o faz experimentar diferentes direções, alturas e horizontes. Junto à luz do sol, atuam na ilusão de variação de cores da pipa. Revelam uma relação dúbia com a linha, pois, por vezes, são amigos, agindo de modo sincrônico, elevando a pipa a alturas inimagináveis e, em contrapartida, inimigos, quando de forma diacrônica tensionam, causando espasmos entre os “nós”, nesse processo de interação.

O céu, a varanda suspensa e o pano de fundo do social representam o cotidiano, e, como tal, não é sempre calmo e azul. Assume diversos tons, matizes e cores, em conformidade com o tempo. Esse tempo, que dispõe de tantos significados, é tão surpreendente quanto indeterminado. Representa bem o confronto entre natureza e sociedade. O céu cotidiano dificilmente é notado, desde que algo promova a fuga do

habitual, como uma chuva, por exemplo. É forjado pelos encontros, como o cruzamento das linhas das pipas.

Tão fortuito quanto o encontro das pipas são os encontros entre atores sociais. Os cruzamentos entre linhas, assim como no cotidiano, podem representar contatos esporádicos e casuais ou podem caracterizar disputas entre as pipas. Essas disputas também podem ilustrar conflitos, que são frutos da interação. As intencionalidades dos sujeitos dão o tom desses cruzamentos das “linhas” sociais. Podem ser ultrajados de uma simples brincadeira, uma briga ou apenas um jogo tenso de interesses.

Fato é que cada movimento feito com a linha repercute na pipa, que, por sua vez, dá como resposta bailados diversos que assumem amplitudes e enquadramentos diferentes, dependendo da angulação de quem vê. O sujeito que realiza o movimento com a pipa apresenta uma intenção. Aquele que com outra pipa espera o momento da aproximação ideal para cortá-la já confere outro olhar. Já uma criança que, sem pipa, passa pela rua com os olhos vidrados nas variações da pipa no ar e espera alguma linha ser cortada para sair em captura da pipa, dispõe de outra impressão, impactando-se de forma peculiar e única. Logo, o corpo que com seu gesto atua fundamentalmente no outro e na interação, ao mesmo tempo que afeta é afetado, assim como a pipa que é movida pelo gesto, e este, movido pela pipa.

Seja nos céus de Brasília, de Sobradinho ou de São Luís do Maranhão e de outras tantas cidades de norte a sul do Brasil, as pipas são conduzidas pelos ventos e pelas necessidades do brincar. Reparei, que entre as linhas da pipa e o céu, situavam-se corpos sedentos pelo brincar. Corpos que se movimentavam e, em interação, expunham não só desenvoltura na brincadeira, mas lançavam mão de sentidos e significados sociais que ilustravam suas concepções de corpo, de infância e de cotidiano.

“Cruzando as linhas das pipas”: o corpo e o cotidiano na perspectiva infantil

Para Brougère (2012, p. 4), o cotidiano é “[...] aprender o mundo, entender como ele funciona para mergulhar nele. O mundo cotidiano é um mundo apreendido, na passagem da estranheza à familiaridade”. Com base nessa afirmação, iniciei minha jornada de investigação dos “mundos cotidianos” das crianças na escola.

Ao apresentar a proposta de produção de desenhos em um dos dias de pesquisa em campo, com o tema “Meu cotidiano é assim...”, obtive as mais diversas respostas.

Um traço comum é que todas pareciam saber o que seria o cotidiano, mas não como retratá-lo. Ao todo foram produzidos 31 desenhos, pois das 34 crianças que compuseram a pesquisa como um todo, três não compareceram nas datas de produção, não participando, desse modo, do universo amostral deste recorte do estudo.

A partir da observação dos desenhos e as narrativas das crianças, identifiquei algumas características que transversalizam os sentidos atribuídos ao cotidiano por elas, dos quais emergem significados semelhantes, acusando pistas para a construção de categorias analíticas, dentre elas: as brincadeiras, o ambiente familiar, a escola, as mídias etc.

A categoria “brincadeiras” foi a mais abordada pelas crianças. Seja brincando na escola, em casa ou na rua, os cotidianos apresentados dispunham de um forte apelo à ludicidade, confundindo, muitas vezes, o brincar com a vida. De acordo com Brougère (2004, p. 102), “[...] a brincadeira é um espaço social, uma vez que não é criada espontaneamente, mas em consequência de uma aprendizagem social e supõe uma significação conferida por todos que dela participam [...]”. O autor considera, ainda, que a brincadeira possui características paradoxais, podendo assumir tanto elementos de conformismo social, quanto de inventividade, curiosidade e criatividade.

Enquanto formas de ação social, as brincadeiras fazem parte do processo de socialização infantil. Como práticas corporais, são circunscritas por sentidos e significados produzidos historicamente, que apontam traços e modos de vida das sociedades, bem como elementos que fundamentam as relações cotidianas.

Nesse bojo, uma brincadeira a ser destacada nas produções das crianças é a “pipa”, figurando em nove desenhos e narrativas analisadas⁷. A pipa apresenta aspectos bem particulares, haja vista que dispõe de características de interação em que as crianças são expostas a situações de conflito, mediadas pelas linhas e os “nós” delas, as próprias crianças.

Vários saberes são traduzidos a partir da pipa, que vão desde a sua confecção, a preparação da linha “chilena” – por meio da aplicação da goma de cerol na linha

⁷ Muito embora a turma que compôs a pesquisa tenha apresentado um contingente maior de meninas, a brincadeira de pipa foi retratada apenas por meninos nas produções. Percebi, na esteira dessa informação, que ao falarem sobre a brincadeira, os meninos lançavam mão de elementos “generificados”, subsumidos em expressões que apontam compreensões antagônicas de gênero, estipulando fronteiras entre grupos no próprio cotidiano retratado.

“pura” –, à atenção aos fenômenos naturais como o vento, a chuva e o sol. Segundo Melo (2010, p. 96), é “[...] a tradução desse conjunto de saberes e práticas que a mantém como um conceito-chave para a análise de como a brincadeira encontra diferentes versões quando olhada sob os diversos ângulos que constituem a rede”.

Brincar de pipa proporciona formas diversas de interação entre várias faixas etárias, que podem ser entre sujeitos do mesmo bairro e/ou comunidades próximas. Além disso, mobiliza aprendizagens operadas de “corpo inteiro”, que produzem marcas na história pessoal dos brincantes, que, de certo modo, reverberam em suas leituras de cotidiano (Melo, 2010).

Utilizando como exemplo as produções das crianças, para Benjamin (10 anos)⁸, o cotidiano é: “[...] o que a gente faz na vida. Brincar, estudar, ajudar...”. O garoto compartilhou a predileção pela pipa, dizendo:

Pra mim cotidiano é tipo estar no céu das pipas. Eu gosto de pipa, é ‘mó’ legal, a gente corre, brinca lá lado da escola que tem um campo grande, aí eles ficam lá um cortando o outro e quando minha mãe deixa eu vou.

Comentou ainda sobre um fato surpreendente em uma das suas jornadas: “O senhor acredita que eu achei um pote de linha chilena na lixeira? Uma de linha chilena e uma de linha pura. Que sorte!”.

Com compreensões que se assemelham às de Benjamin, sublinho as falas de Vegeta (10 anos) e Paolo (nove anos). Em relação a Vegeta, o garoto expôs: “Cotidiano pra mim é soltar pipa. Eu sou muito bom, ninguém me corta [...] Eu fico fugindo, voando baixinho, pra ninguém me cortar”. Questionei a Vegeta o que ele entendia mais a respeito do cotidiano, e o garoto respondeu: “Pra mim é brincar de pipa, entrar no ‘embololô’ com linha de cerol, é massa demais”.

Paolo, por sua vez, ao iniciar a conversa sobre o desenho, de forma bem desenvolta, comentou: “Desenhei um menino soltando pipa. O menino sou eu. Desenhei porque é o que sempre acontece no meu cotidiano. Eu brinco lá no terreno lá atrás da minha casa. Eu moro lá no Buritizinho”. Acrescentou, com riqueza de detalhes e realizando gestos com a mão, aspectos relacionados à qualidade da linha e aos movimentos empregados para assegurar a manutenção do voo da pipa: “Eu uso linha chilena branca, não uso pura, porque eu gosto de subir ‘surú’, porque se do

⁸ Como forma de resguardar a identidade das crianças, foram atribuídos nomes fictícios por elas mesmas no decorrer dos processos de pesquisa.

lado de fora tá ventando muito é só puxar que sobe [...]” Percebendo a empolgação do garoto, pedi que explicasse melhor a respeito, pois não estava entendendo e ele respondeu, com paciência:

“[a pipa] quando sobe, vai descendo e rasga tudo. Uma vez eu fui cortar um menino e o ‘surú’ rasgou a pipa do menino. Eu troquei o papel do ‘surú’ porque pra ‘surú’ não serve papel de seda. Troquei por um azul, pra ninguém perceber que fui eu.

Incorporando outros elementos do cotidiano para abordar a brincadeira, Sub-zero (10 anos) comentou: “Desenhei pipa porque eu gosto demais. É mó massa. [...] Fico ali na sala olhando as pipas lá no alto [...] A tia tá falando lá um monte de coisa e eu doido pra chegar o recreio e brincar com meus amigos e ficar falando de pipa”. Ainda sobre sua relação com a brincadeira, acrescentou: “A janela é grandona lá da sala e dá pra ver os ‘patin’ sendo cortados [...] às vezes, dá até pra saber quando é amigo meu lá da rua subindo, pela cor da pipa.”.

Trazendo mais aspectos da brincadeira de pipa que se embrenham na rotina escolar das crianças, Coringa (11 anos) comentou, bastante reflexivo sobre o seu desenho: “Fiz eu bolado com a vida dentro da escola, com minha pipa esperando pra subir [...] Gosto de brincar de pipa porque eu me sinto livre, aqui a gente fica preso, não preso de bandidagem, preso de não poder fazer o que quer [...]”. Pedi que falasse mais a respeito da ideia de “estar preso” na escola e o garoto compartilhou: “A gente fica, né?! Pode sair? Não pode. O jeito é ficar, né? Se não ficar a tia me dedura pra minha avó [...] [a escola é um] lugar chato da gota serena [...] o bom que tem nossos aliados”.

Nesse bojo, me reporto a Turner (2014) quando ressalva que a sociologia que se preocupa com o corpo precisa se atentar para os afetos componentes da ação social. Com base nisso, compreendi que, ao brincar, as crianças interagem, lançando mão de emoções e sentimentos que perpassam o corpo, embasando as vivências cotidianas. Assim, o potencial criativo empregado nas relações sociais produzidas dentro e fora do contexto escolar, mediadas pelo corpo, tensionam os sentidos atribuídos à escola pelas próprias crianças e ao seu papel social.

Além disso, identifiquei que são mobilizados significados que transitam entre a rotina cansativa da escola e a liberdade de “levantar voo”, proporcionando o prazer da brincadeira. Um fato curioso é o apelo corporal que o brincar de pipa revela: traços da história pessoal dos brincantes, as parcerias, que, de certo modo, reverberam em suas leituras de cotidiano (Melo, 2010).

Dando sequência aos registros das crianças, de forma distinta e ressaltando outros particulares da brincadeira, Fábio (nove anos), caracterizou o brincar de pipa: “[...] é só colocar a pipa no ar e ficar brincando. Eu brinco com os meninos lá da rua. [...] Só empino só com linha pura. Não posso com linha chilena porque minha mãe não deixa”. Questionei o motivo pelo qual a mãe não permitir e ele respondeu: “[Não deixa] porque quando passa gente fica cortando pescoço [...] ela diz que pode me machucar eu ou meu irmão menor, meus primos que são ‘molequin’ ainda”. Além disso, Fábio acrescentou, se autovangloriando: “Eu ‘dô dibica’, fico ‘tenteando’, a pipa mexendo pra pegar vento e ‘afundar’ ela [...] Eu dou é aula até com linha pura e o ‘molequin’ ficam aprendendo e enrolando a linha na lata pra mim”.

Sobre esses relatos que revelam um pouco da “técnica” aplicada na brincadeira de pipa, Melo (2010) destaca o processo de aprendizagem colaborativa entre os grupos heterogêneos de empinadores. Segundo a autora: “[...] os maiores exibem sua performance em troca de pequenos favores dos menores; os menores prestam seus pequenos serviços em troca da observação da ‘técnica’ exibida pelos maiores” (Melo, 2010, p. 94-95). Essas trocas, além de proporcionarem a aprendizagem de segurança, manejos e traquejos do brinquedo, oferecem situações de interação das mais diversas, com sentidos implícitos que extrapolam o objeto lúdico em si.

Para mais, Mc W.M. (10 anos) considera o cotidiano em sua produção como: “[...] soltar pipa e desenhar pipa [...] Eu queria desenhar a cor da Jamaica, porque essa pipa ia ser da Jamaica”. Ao abordar a questão das cores da Jamaica, ele recorre ao imaginário em torno do uso da maconha, muito comum entre adolescentes de Sobradinho II. Conversando com eles em algumas situações do recreio, percebi um fascínio por tudo que fizesse alusão à maconha, parecendo trazer a reboque uma espécie de prestígio entre pares e na própria comunidade. Quando questionados sobre os símbolos alusivos à planta, tanto Mc W.M. quanto seus colegas fugiram do assunto, mostrando-se receosos.

O desenho e a fala de Mc W.M. ressaltam um ponto de discussão subsumido nas brincadeiras enquanto cotidiano das crianças, que é o fundo social, abarcando a comunidade e outros sujeitos que não figuram diretamente na pesquisa. Para tratar de algumas questões desse “pano de fundo” das brincadeiras, darei especial atenção à produção de Messi (12 anos), retratada na Figura.

Figura – Desenho de Messi (12 anos), tema “O meu cotidiano é assim...”



Fonte: Registros da pesquisa.

Logo no início da conversa sobre o desenho, comentei com Messi: “Que lindo desenho! Essa pipa é massa, verde e amarela, igual à roupa de quem está segurando a linha. É você no desenho?”. Com um sorriso de satisfação, ele confirmou realizando um movimento com a cabeça que “sim”. Continuei perguntando sobre algo que me chamou a atenção: “Por que você se desenhou assim, loiro?” De forma abrupta, o garoto que é negro, respondeu: “Eu não gosto de me pintar de preto⁹”. Percebendo o desconforto dele, mudei os rumos da conversa.

Ao questioná-lo sobre o que quis expor com a sua produção, percebi que Messi ampliou a discussão do que seria o cotidiano retratado ao assinalar que “[...] cotidiano é um bocado de coisa, soltar pipa, estudar, ir pra escola e brincar”. Justificou sua escolha afirmando: “Escolhi soltar pipa porque é a coisa que mais eu gosto, e jogar futebol [...]”. Completou ainda: “[...] todo dia que não tem aula eu solto pipa. Amanhã mesmo eu vou soltar lá na Rabelo”. Questionei o motivo pelo qual ele não estudava em uma escola mais perto de sua casa, na comunidade da Vila Rabelo, e ele denunciou: “[...] não estudo lá porque tem muito tiroteio, os meninos lá de fora, os malandro, fica

⁹ Esse aparente desarranjo entre a cor que a criança se pinta nos desenhos e a que apresenta no plano “real”, é observada em outras pesquisas, tais como Machado e Wiggers (2012), Wiggers (2005). Nesses estudos são apontadas relações entre os padrões veiculados pelas mídias e a imagem corporal das crianças.

jogando pedra lá pra dentro da escola, fica jogando linha de pipa chilena lá pra dentro e os menino se machuca [...] liga pra polícia e não resolve nada”.

A partir da fala do garoto, fiz-me alguns questionamentos: seria esse cotidiano retratado por Messi uma “fuga do real”, sendo que fatos corriqueiros vivenciados por ele como ir à escola, estudar, presenciar episódios de violência são relatados como desagradáveis e, por vezes, repulsivos? Não seriam esses fatos subsumidos em sua fala, constituidores do cotidiano de Messi?

Conforme Melo (2010, p. 102), “As pipas são uma porta aberta para experimentar coisas muito variadas”, as quais incluem situações ambíguas, que marcam tanto a brincadeira quanto o cotidiano retratado por Messi, talvez não em um mesmo patamar, mas sob perspectivas diferentes. Esses pontos levantados expõem um cotidiano que extrapola o brincar de pipa, revelando o rompimento com a “linha chilena” do trivial. Os fatos sublinhados na fala do garoto, apesar de coexistirem com a brincadeira, parecem não dialogar de forma fluida com a atmosfera lúdica que circunda as pipas.

Na esteira das discussões acerca das tensões e conflitos que cercam o cotidiano infantil, CR7 (12 anos) descreveu o seu cotidiano representado no desenho como: “Coloquei eu com minha pipa olhando pro céu e as coisas acontecendo em baixo.”. Pedi que ele comentasse mais a respeito e ele acrescentou: “[...] é que as coisas são meio ruins lá onde moro, mas meu cotidiano é tá com minha família no meu barraco, na minha rua [...] De bom tem o futebol, a pipa e mais várias coisas”. Questionei o que seria ruim e ele com semblante triste respondeu:

De ruim tem ladrão, cara metendo bala lá perto. Lá tem tráfico de drogas. É muito violento. Um dia que eu tava com meu pai no mercado e do nada rolou uns tiros e o cara correndo lá com a arma [...].

CR7 destaca em suas narrativas aquilo que marca seu cotidiano, no caso a violência urbana como cenário da sua brincadeira favorita. Conforme Sarmento (2013), ao discutir sobre os desafios das culturas infantis, destaca que as crianças não estão alheias às culturas do entorno, mas as experimentam de forma diferente, por dentro de sua cultura, estruturando formas e conteúdos distintos daqueles percebidos pelos adultos. Nesse movimento, o próprio registro imagético reforça o entendimento de Sarmento, ao destacar a brincadeira de empinar pipa na encruzilhada com a violência urbana, ambas coexistindo e ressignificando o lugar onde CR7 vive.

“Lá vai a pipa...”: delineamentos finais

O objetivo do presente artigo foi compreender os enigmas que circundam os significados do cotidiano para as crianças, partindo da alegoria da brincadeira de pipa. Para isso, foram analisados desenhos e excertos do campo, que permitiram observar que crianças possuem um jeito particular de ressignificar o mundo e fazerem de uma aparente simples brincadeira, uma metáfora da própria vida, com todas as suas nuances, matizes e perspectivas.

Ao brincarem de pipa, as crianças interagem com seus pares e aprendem novas compreensões de corpo, em um “cruzamento” constante de histórias de vida. Percebi nas produções que a relação estabelecida com o outro, nos panos de fundos sociais descontinuados, se mostram indispensáveis na construção das identidades, que, consequentemente, modulam os ângulos das lentes que interpretam os cotidianos.

Em suma, as impressões apresentadas pelas crianças expõem partes de um quebra-cabeça que são os cotidianos que cercam os espaços que frequentam, dentro e fora da escola. São fragmentos de realidade que sugerem enquadramentos da vida social que percorrem as comunidades, marcados por problemas comuns de periferias de todo o Brasil, dentre os quais o da violência. No entanto, algumas particularidades são sobrelevadas em meio a contradições, como a capacidade de reinvenção do próprio espaço na infância.

Esse movimento de apropriação e reinvenção do cotidiano revela como as crianças, em suas narrativas, apresentam contornos do seu cotidiano no entrelaçamento das culturas de pares, dentre elas, o de empinar pipa, que notoriamente é uma brincadeira que atravessa os espaços-tempos infantis. Portanto, identifiquei como o cotidiano é produzido pelas crianças de maneira multifacetada, influenciada não só pelas tensões existentes nos lugares, mas também pela racionalidade construída no ambiente comunitário que vai, de certo modo, configurando as práticas das crianças.

Presumo que uma espécie de movimento de “negação da infância”, acusada pelas próprias crianças em algumas narrativas, acaba sendo um retrato das condutas apresentadas pela escola. Os saberes institucionais, por vezes, demonstram pormenorizar as narrativas infantis na construção de sua agenda, negligenciando o corpo nesse bojo, com implicação direta na educação do corpo das crianças. Analiso essa “brecha” no cotidiano escolar mediante a alegoria do

“corpo aprisionado”, mencionado por Coringa (11 anos). Nesse sentido, pude inferir que a pipa para a maioria dos garotos acabava suscitando uma ideia de liberdade e de fuga da rotina.

Inferi, com base nas informações obtidas sobre o cotidiano das crianças, por meio dos desenhos e narrativas sobre a pipa, que a análise, a partir das perspectivas delas, abre espaço para interpretações acerca de sentidos emergentes acerca do corpo na infância. Tais sentidos desvelam marcadores sociais tais como gênero e classe, por exemplo, os quais refletem e reforçam a presença de estereótipos e desigualdades na experiência infantil. Isso ocorre uma vez que as formas que se expressam e se apropriam dos tempos e espaços, por meio do movimento, expõem particularidades dentro daquilo que, aparentemente, se repete da mesma forma todos os dias.

Outrossim, as maneiras pelas quais as crianças fabricam suas impressões de corpo e que constituem as rotas do cotidiano dentro e fora da escola permitem reinvenções nos modos de viver a infância, dando contornos ao que, por mim, foi chamado de corpo-cotidiano. Esse conceito é ancorado na ideia de corpo simbólico e ritualizado, que transpassa tensões, rupturas e idiossincrasias, frutos das interações sociais. A brincadeira de empinar pipa, como manifestação das culturas infantis, ilustra bem as tensões que constituem esse corpo-cotidiano, especialmente por se fundarem em paradoxos entre narrativas adultas e infantis.

Referências

- Arenhart, D., & Silva, M. R. (2014). Entre a favela e o castelo: Infância, desigualdades sociais e escolares. *Cadernos CERU*, 25(1), 59-82. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v25i1p59-82>
- Brougère, G. (2004). *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez.
- Brougère, G. (2012). Vida cotidiana e aprendizagem. In G. Brougère, & A. Ulmann (Orgs.), *Aprender pela vida cotidiana* (pp. 11-24). Campinas: Autores Associados.
- Companhia de Planejamento do Distrito Federal – Codeplan. (2015). *Pesquisa distrital por amostra de domicílios (PDAD): Sobradinho II*. Brasília: o autor.
- Corsaro, W. (2011). *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed.

- Delgado, A. C. C., & Müller, F. (2005). Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos De Pesquisas*, 35(125), 161-179. <https://doi.org/10.1590/s0100-15742005000200009>
- Evangelista, A. S., & Marin, F. A. D. G. (2022). A cidade pelo desenho das crianças. *Revista Contemporânea de Educação*, 17(40), 26-51. <https://doi.org/10.20500/rce.v17i40.52893>
- Farias, M. J. A., & Wiggers, I. D. (2015). Cotidiano e práticas corporais infantis: O lúdico e a violência em cena. *Motrivivência*, 27(45), 58-73. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p58>
- Ferreira, V. S. (2009). *Elogio (sociológico) à carne: A partir da reedição do texto “as técnicas do corpo” de Marcel Mauss* (IS Working Papers, no 36). Porto: Universidade do Porto.
- Fingerson, L. (2009). Children’s bodies. In J. Qvortrup, W. Corsaro, & M. Honig (Orgs.), *The Palgrave handbook of childhood studies* (pp. 217-227). London: Palgrave Macmillan.
- Gobbi, M. (2009). Desenho infantil e oralidade: Instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In A. L. G. Faria, Z. Demartini, & P. Prado (Orgs.), *Por uma cultura da infância* (3a ed., pp. 68-92). Campinas: Autores Associados.
- Gobbi, M. (2023). Desenhos entre mundos: elementos para pesquisar e tentar compreender as crianças e seus pontos de vista. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, 1(57), 135-152. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2022v1n57.60213>
- Goffman, E. (1980). A elaboração da face. In S. A. Figueira (Org.), *Psicanálise e ciências sociais* (pp. 76-114). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus.
- Machado, S. S., & Wiggers, I. D. (2012). Imagens da infância: Mídias e suas representações em práticas corporais infantis. *Pensar a Prática*, 15(4), 8211113. <https://doi.org/10.5216/rpp.v15i4.15819>
- Melo, M. F. A. Q. (2010). Algumas aprendizagens construídas durante a brincadeira de pipa: O que está em jogo. *Educação em Revista*, 26(02), 89-116. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000200005>
- Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez.

Pais, J. M. (2009). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: ICS.

Sarmento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2^a modernidade. In M. J. Sarmento, & A. B. Cerisara (Orgs.), *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 9-34). Lisboa: ASA.

Sarmento, M. J. (2013). A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: Desafios conceituais e praxeológicos. In R. T. Ens, & M. C. Garanhani (Orgs.), *Sociologia da infância e a formação de professores* (pp. 13-46). Recife: Champagnat.

Silva, A. M. (2001). *Corpo, ciência e mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados.

Sirota, R. (2001). Emergência de uma sociologia da infância: Evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisas*, (112), 7-31. <https://doi.org/10.1590/s0100-15742001000100001>

Turner, B. S. (2014). *Corpo e sociedade: Estudos em teoria social*. São Paulo: Ideias & Letras.

Wiggers, I. D. (2005). Cultura corporal infantil: Mediações da escola, da mídia e da arte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 26(3), 59-78.

Submetido em: janeiro de 2025

Aceito em: junho de 2025

Sobre o autor

Mayrhon José Abrantes Farias

Doutor em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) e do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas Infantojuvenis, Corpo e Cotidiano (CINCO/UFMA).

E-mail: mayrhon.farias@ufma.br